

INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE NA HIPERMODERNIDADE**INTERDISCIPLINARITY AND TEACHING TRAINING IN HYPERMODERNITY**Haleks Marques Silva¹ e Daniel Cervantes Cervantes Angulo Vilarinho¹**RESUMO**

O presente estudo tem sua ideia central na reflexão teórica quanto à criação de estratégias que possibilitem à escola incluir seus alunos na rede do saber e não apenas na do conhecer. Adotando todos os tipos possíveis de meios, a fim de atrair a atenção dos discentes para o aprendizado através da interdisciplinaridade. O mais importante de tudo, é a união entre o desejo do aluno do professor e do cotidiano, despertando assim, no aluno o desejo de aprender sobre o mundo à sua volta, sobre si mesmo, sobre seus sentimentos, nada de forma isolada, mas interligadas e conectadas, a fim de que haja eficiente aproveitamento das técnicas de ensino aprendizagem, mais especificamente a que nos propusemos tratar no presente texto sob a égide de bibliografias especializadas no assunto, levando em conta também o método dedutivo com abordagem de cunho qualitativo. Observou-se que, o cenário de formação de professores é um dos pontos mais relevantes para sua respectiva apropriação de saberes capacitadores de um ensino-aprendizagem nada obsoleto. A fim de que a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade e o real papel da universidade e da educação perpetue melhores condições de vida para os seres humanos e para além deles, principalmente neste tempo da hipermodernidade.

Palavras-Chave: Interdisciplinaridade. Educação. Complexidade. Ensino.

ABSTRACT

The present study has its central idea in the theoretical reflection on the creation of strategies that allow the school to include its students in the network of knowledge and not only in knowing. Adopting all possible types of means in order to attract students' attention to learning through interdisciplinarity. Most important of all, it is the union between the desire of the student of the teacher and the daily life, thus awakening in the student the desire to learn about the world around him, about himself, about his feelings, nothing in isolation, but interconnected and connected, in order to make efficient use of teaching learning techniques, more specifically the one we propose to deal with in this text under the aegis of specialized bibliographies on the subject, also taking into account the deductive method with a qualitative approach. It was observed that the scenario of teacher training is one of the most relevant points for their respective appropriation of knowledge that is capable of teaching-learning that is not obsolete. In order for transdisciplinarity and the real role of the university and education to perpetuate better living conditions for humans and beyond, especially in this time of hypermodernity.

Keywords: Interdisciplinarity. Education. Complexity. Teaching.

Data de recebimento: 23/02/2019.

Aceito para publicação: 03/05/2019.

1 INTRODUÇÃO

Uma das discussões recorrentes no âmbito educacional diz respeito à Interdisciplinaridade enquanto articuladora de trabalhos realizados integralmente em conjunto com outros saberes, ao invés de um saber ou disciplina especificamente separadas.

A interdisciplinaridade para muitos é tida como a arte da globalização dos conhecimentos, onde o indivíduo não se apropria de um conhecimento particular, mas de um conhecimento global, que o capacita a articular, religar e contextualizar todos os conhecimentos adquiridos. Cabe ressaltar, que a interdisciplinaridade não anula a disciplinaridade, pelo contrário, uma complementa a outra, visto que uma inexistente sem a outra.

Para outros, a interdisciplinaridade é tida como um ponto de cruzamento entre atividades disciplinares ou interdisciplinares. Diz respeito ao equilíbrio proporcionado pela "análise fragmentada e a síntese simplificadora" (JANTSCH; BIANCHETTI, 2002).

¹ Faculdade Católica Orione (FACDO), halekshms@hotmail.com

Desta forma, no mundo dominado por tantas mudanças e avanços tecnológicos, seria possível ensinar como dantes? A escola deve reforçar a ausência e incredulidade dos valores? Ao psicanalista Melman (2002) parece possível despertar no estudante, o desejo nele adormecido, valores ofuscados, objetivos de vida apagados, favorecendo, assim, a emergência do sujeito do inconsciente, construindo assim, um futuro obviamente diferente do passado e do presente, em que cada um possa assumir com responsabilidade e criatividade a própria vida e o rumo da sociedade.

É nesse contexto que precisamos refletir sobre uma possível mudança de posicionamento dos professores, é preciso pensar nesses professores tradicionais não mais tradicionais, abertos à subjetividade do sujeito sem ser ignorante, ou seja, o professor não é mais detentor único do saber, mas seu aluno tem tanta capacidade cognitiva quanto ele, que, por sua vez, se encontra, como seus alunos, em contínua aprendizagem. É preciso considerar que a necessidade do aluno em relação ao saber do professor é ao mesmo tempo um saber construído socialmente e não apenas explicativa.

Partindo da hipótese que a interdisciplinaridade, se adotada na prática educacional, contribuirá significativamente para a aprendizagem dos discentes, pois a mesma ampliará o olhar dos alunos frente às suas necessidades e às necessidades sociais.

Os objetivos que nortearam o presente estudo concernem no conhecimento do significado e do significado de interdisciplinar e as contribuições dessa técnica enquanto método educacional. Por fim, analisou-se a funcionalidade da formação profissional dos docentes que ao saírem da universidade precisam ter consciência de uma apropriação do ensino não mais tradicional e sim condizente com sua contemporaneidade.

Para tanto, abordaremos este trabalho sob égide bibliográfica, sendo esta a responsável pela consistência de toda pesquisa, a abordagem qualitativa por sua vez, possibilitará a observação e descrição das particularidades e experiências subjetivas dos seres humanos, uma vez que este está ligado ao raciocínio lógico e pressupõe a existência de proposições universais que servem como base para se chegar a uma “verdade” especificamente particular. Já o método dedutivo, viabilizará a interpretação da presente literatura, partindo da premissa de que “as ciências humanas e culturais são interpretadas pelos métodos qualitativos ou compreensivos” (TURATO, 2005).

Os benefícios pertinentes ao tema pesquisado são de uma melhoria na percepção quanto à importância da interdisciplinaridade na funcionalidade do ensino aprendizagem, uma vez que a apropriação das efetivas práticas educacionais refletirá no competente desempenho pessoal, acadêmico e profissional de todos os envolvidos na construção do saber.

2 INTERDISCIPLINARIDADE E SUA EPISTEMOLOGIA

Um dos principais desafios da interdisciplinaridade, como método cooperativo da construção de saberes docentes é a equivocada percepção de muitos profissionais de educação de que a não fragmentação dos saberes como prática pedagógica seria retrocesso, especificamente pela falsa percepção de que o abandono às especificidades das disciplinas seria a volta ao senso comum, vetusto paradigma científico.

Porém, tal preocupação desta ala dos pensadores da educação encontra respaldo diante da não preparação do professor, fator que poderá acarretar na vala do senso comum, ou seja, no intuito de valorizar os saberes da comunidade discente e a formação interdisciplinar o docente tem que valer-se de metodologia educacional eficiente, metodologia que muitas vezes não é suficiente por falta da específica formação profissional.

Como se vê, o exercício da docência não é algo simples. Trata-se de um fazer complexo, que exige do docente uma formação para além do domínio do campo científico de sua área de formação e atuação – imprescindível -, mas não o bastante

para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, torna-se imperiosa a elaboração de conhecimentos teóricos e práticos relacionados à docência, compreendida como ofício que exige o domínio de vários saberes (MALUSÁ; MELO; BERNARDINO JÚNIOR, 2018, p. 68).

Este é um dos principais motivos pelo qual existe na comunidade acadêmica ainda enorme resistência à interdisciplinaridade, pois se existe na fragmentação de saberes problemas de ordem da sua extrema especificidade, por outro lado a junção dos fragmentos realizada por equipe ou profissional não habilitado ocasiona encaixes inadequados, ou balizados pelo senso comum, desprezando-se anos e anos de estudos e pesquisas.

Assumir uma atitude interdisciplinar não significa abandonar ou menosprezar as especificidades de cada disciplina, mas perceber o que as une ou as diferenciam, para encontrar os elos, ou seja, as disciplinas podem e devem contribuir para a construção e reconstrução do mesmo conhecimento. Para isso, são necessárias novas atitudes frente ao saber, pois o professor será desafiado a criar e inovar, e tal ação exige romper com os paradigmas que há séculos dominam os sistemas de ensino e, conseqüentemente, a prática de inúmeros professores. Para efetivar a mudança, é necessário buscar alternativas, pesquisar e investir na formação continuada que propicie e contribua com esse processo de transformação (FERREIRA; HAMMES; AMARAL, 2017, p. 65).

Devemos lembrar que o senso comum é a forma de conhecimento mais cotidiana das pessoas que não se preocupam prioritariamente com questões científicas, sendo uma forma de pensamento superficial, ou seja, não estão preocupadas com causas fundamentais de algo, apenas fazem afirmações, irrefletidas, imediatas. Isso não quer dizer que não haja conhecimento científico entre essas pessoas ou que não haja senso comum no âmbito científico, com forte ligação à cultura, o senso comum é cultivado de geração em geração, conforme definição enciclopédica do termo (SENSO COMUM, 2018).

Vivemos um momento, na sociedade global, que nos exige além da arte de recriação de saberes, uma incessante desestruturação de códigos culturais de tendência centralizadora que nos permite novas leituras de mundo, a aceitação da diversidade cultural e uma melhor compreensão da complexidade das interações humanas nas formas mais distintas (BENCHIMOL-BARROS, 2013, p. 111).

Assim, encontramos-nos num dilema, como reunir o conhecimento científico fragmentado extremamente aprofundado e complexo e fugir do senso comum que pode possuir base científica e que de fato possui forte ligação cultural e ainda assim trabalharmos interdisciplinarmente produzindo novos saberes consubstanciados pela soma dessas potencialidades sem que exista desvalorização daquele aprendido ou inutilidade do mesmo?

A interdisciplinaridade está intimamente ligada às ações que buscam imprimir flexibilidade aos currículos. Trabalhar a interdisciplinaridade nos currículos, entretanto, não significa negar as especialidades das disciplinas, mas impões ao professor que transita pelo território de sua especialidade, a identificação dos limites deste campo do conhecimento e dos pontos a partir dos quais seja possível estabelecer conexões com outras disciplinas. Assim, a interdisciplinaridade se traduz numa espécie de articulação que mantém, permanentemente, uma tensão produtiva entre disciplinas que, aparecem fortes e bem estabelecidas no currículo de um curso (VEIGA; NAVES, 2005, p. 211).

Uma das respostas apresentadas por Leis (2001) é a de que o afastamento da ciência da natureza humana, já é em sua essência um modo não-científico, em razão da sua extrema fragmentação e especificidade, ou seja, seu diminuto objeto distancia-se de maneira abissal de sua qualidade no todo por força de seus pressupostos epistemológicos

convergiem para o senso comum. Em suas palavras:

Aqueles cientistas sociais que neutralizam ou descaracterizam a importância da natureza humana para compreender a vida social provavelmente não percebem que estão operando de um modo não-científico. Precisamente, seu reducionismo os impede de ver que seus supostos derivam mais do senso comum que da própria ciência. Por isto, as ciências sociais devem evitar pular para dentro de seus próprios abismos, e reabrir urgentemente o debate sobre seus antecedentes e pressupostos epistemológicos (LEIS, 2001).

Para Santos (2002) a interdisciplinaridade não afasta as especialidades das disciplinas, mas impõe ao professor que transita pelo território de sua especialidade, a identificação dos limites deste campo do conhecimento e dos pontos a partir dos quais seja possível estabelecer conexões com outras disciplinas. Ou se é mestre em sua totalidade e se fala de tudo, ou se é meramente repetidor de teorias feitas e congeladas, uma vez que a responsabilidade profissional vai muito além da competência disciplinar.

O cenário da formação docente se agrava diante da problemática de espaço-temporal de David Harvey, apresentada por Chauí quando trata da problemática da formação acadêmica limitada a espaços cada vez mais diminutos de tempo, fragmentados segundo a ótica capitalista, na qual são desconsiderados os principais aspectos ligados à experiências e saberes que são abandonados pelo cumprimento de ementas e cronogramas, afastando a maturação intelectual.

A compressão espaço-temporal produz efeitos também nas universidades: diminuição do tempo de graduação e pós-graduação, do tempo para realização de dissertações de mestrado e teses de doutorado. A velocidade faz com que, no plano da docência, as disciplinas abandonem, cada vez mais, a necessidade de transmitir aos estudantes suas próprias histórias, o conhecimento de seus clássicos, as questões que lhes deram nascimento e as transformações dessas questões. Em outras palavras: a absorção do espaço-tempo do capital financeiro e do mercado da moda conduzem ao abandono do núcleo fundamental do trabalho universitário, qual seja, a formação (CHAUÍ, 2003, p. 11).

Preocupações que praticamente têm sido inexistentes nos currículos das universidades, principalmente nas particulares onde tempo significa dinheiro, seja para o aluno, seja para a própria universidade, problema agravado se considerarmos os inúmeros programas de licenciatura que permitem a graduação via internet, distanciando ainda mais o aluno do contato com o professor e resumindo a graduação ao estudo de conteúdos programáticos básicos sem qualquer interação relacionada aos saberes acrescidos da diminuta ainda da carga horária padronizada pelo Ministério da Educação.

Essa formatação da universidade inibe sua função social, pois visa apenas a formatação de profissionais acríticos sem qualquer valorização dos seus saberes, criando um profissional que replica essa forma de educar em seu ambiente de atuação, fortalecendo a dificuldade de uma atuação interdisciplinar, ou seja, o professor não consegue libertar-se e replica em seu aluno aquilo que lhe foi feito (ou lhe foi omitido) nos bancos universitários.

A universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Tanto é assim que, vemos no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade. Essa relação interna ou expressiva entre universidade e sociedade é o que explica, aliás, o fato de que, desde seu surgimento, a universidade pública sempre foi uma instituição social, isto é, uma ação social, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, num princípio de diferenciação, que lhe confere autonomia perante outras instituições sociais, e estruturada por ordenamentos, regras, normas e valores de reconhecimento e

legitimidade internos a ela (CHAUÍ, 2003, p. 5).

Os principais elementos do processo de rompimento com o velho paradigma, quais sejam a educação e o educador, merecem ser repensados com vistas à sua adequação ao mundo pós-moderno e nos moldes da teoria da complexidade de Edgar Morin para fazer sentido aos discentes e também para afastarem a sina de uma educação obsoleta que não é eficaz para responder as grandes questões globais e humanas, a fim de que sejam socialmente relevantes, cumprindo assim, o papel de produzir um saber autônomo e uma universidade mais cidadã.

A palavra-chave para esse novo paradigma de educador será competência, que indicará não o perfil de um profissional infalível e inquestionável, mas apenas alguém que está buscando e construindo as novas competências do novo tempo: competência intuitiva, geradora de criatividade e ousadia; competência intelectual, que estimula o pensamento reflexivo; competência prática, que torna organizativo; e competência emocional que torna proativo (DAMAS, 2009, p. 29).

Morin (apud VALLEJO-GOMEZ, 1998) entende que, o papel fundamental da educação está dividido em quatro colunas basilares, onde o primeiro corresponde ao ato de ensinar, que não pressupõe apenas em passar conteúdos e sim organizá-los em função dos pontos fundamentais, ou seja, é melhor ter uma mente clara com capacidade de raciocínio do que uma mente abarrotada de conteúdo sem qualquer aplicação, segue afirmando que, ensinar é entender nossa condição humana, também entende ser de fundamental relevância, ensinar a viver valorizando as experiências, aprendendo também com os demais e consigo mesmo, por fim, também é papel da educação formar cidadãos globais, que pensem na terra como um todo através de um novo humanismo.

O que tem a ver a interdisciplinaridade com a complexidade? É imprescindível o pensamento complexo para definirmos um objeto, e para buscarmos seu rumo e sua compreensão interdisciplinar. Mas a interdisciplinaridade não configura uma teoria específica: ela é uma estratégia. O conhecimento se constrói com uma visão complexa de um investigador ou como uma rede de pesquisadores. É preciso diálogo, articulação de fragmentos disciplinares, como menciona Habermas (MINAYO, 2010, p. 441).

Destarte, o conflito existente entre a compressão espaço-temporal capitalista, a transdisciplinaridade e o real papel da universidade e da educação não pode permitir que exista outro mote para sua existência, mais importante que pensar as questões fundamentais à existência humana, nas palavras de Morin (apud VALLEJO-GOMEZ, 1998) *“Debemos plantear la necesidad de un pensamiento cuestionante, multidimensional, inevitablemente fragmentario, pero que nunca abandona las cuestiones fundamentales y globales”*, ou seja, questões como a condição humana e a perpetuação da vida devem permear todo o processo de ensino-aprendizagem acarretando a indiscutível e inadiável necessidade de sua aplicação de forma transdisciplinar.

Se uma universidade europeia ou norte-americana pode dar-se ao luxo de exibir, como principal distintivo, a pertinência científica – já que as ações sociais e as iniciativas de inovação tecnológica são assumidas pela forte e atuante sociedade civil ali presente –, a universidade brasileira precisa demonstrar, além da qualidade acadêmico-científica e sem de forma alguma renunciar a ela, relevância social. Justamente pela fragilidade da sociedade civil, no Brasil, a universidade tem o dever de ser culturalmente engajada, comprometida com a solução dos problemas da sociedade, com a superação da pobreza crônica, com o fim do analfabetismo, com a geração de alternativas econômicas. Pois, cumprir a Universidade parte da tarefa do Estado e da sociedade civil, não é uma questão de opção ideológica ou de voluntarismo: é uma imposição de sua própria historicidade (MELLO; ALMEIDA FILHO; RIBEIRO, 2009, p. 2).

Assim, diante de todas as dificuldades enfrentadas pelos países pobres e emergentes no contexto de seus problemas sociais, a universidade nestes espaços deve ocupar protagonismo na resolução dos problemas sociais, não apenas no âmbito de suas fronteiras mais também no contexto global, visto que suas mazelas são intimamente ligadas trazendo consequências à humanidade, pois a análise dos problemas de determinada população devem ser feitas de maneira contextualizada mundialmente, visto que, enfrentamentos entre essas populações serão inevitáveis, podemos utilizar como exemplos a questão dos refugiados da Síria na Europa ou dos Venezuelanos na América do Sul para corroborar nossa assertiva.

Importância vital possui assim a interdisciplinaridade na formação deste novo paradigma humano, sendo a educação seu vetor através da formação universitária socialmente responsável e emancipadora nos diversos tecidos sociais nacionais e internacionais, na procura da conscientização de nossa condição humana e interdependente, ou ecologicamente dependente, percebendo que não existe ação humana ou ao ser humano que não produza imediato reflexo à toda a humanidade enquanto espécie.

As inovações didático-pedagógicas-formativas visam contribuir para se construir outro mundo possível, mais humano, solidário, igualitário, justo e democrático, capaz de assegurar amorosidade, cultura de paz, dignidade humana, diversidade cultural, cidadania planetária e sustentabilidade do planeta, bem como fomentar políticas de convivência, políticas ecológicas, políticas de solidariedade e políticas de qualidade de vida. Estas inovações são pautadas na Complexidade, na Transdisciplinaridade, no humanismo planetário, na governança global e em processos econômicos capazes de promover simultaneamente processos de globalização e desglobalização; crescimento e decrescimento; desenvolvimento e involução; transformação e conservação. A Epistemologia da Complexidade e a reforma do pensamento articulam-se com a reforma do pensamento político, a política de humanidade, a política de civilização, a reforma da educação, a reforma da universidade e a reforma de vida. A didática emergente valoriza a educação integral do ser humano e a compreensão de que a finalidade da educação, no século XXI, passa a ser pensar complexo e transdisciplinar a fim de promover metamorfose social, individual e antropológica e, portanto, salvaguardar a humanidade, a Terra-Pátria e dar prosseguimento ao processo de hominização (SUANNO, 2015, p. 9).

Uma metamorfose social é urgente e planetariamente necessária para a manutenção da vida em todas as suas expressões que poderá usufruir das conquistas da revolução tecnológica sem, no entanto, desprezar uma humanização fraterna e cidadã das relações entre indivíduos, sociedades e governos, com a valorização dos saberes de forma homogênea, afastando-se porém, sua monetarização, visto que, a conjunção desses saberes acarretará numa consciência humana que poderá com mais facilidade sobrepor ou ao menos fazer frente às dificuldades naturais da vida no cosmos, constituindo passo que transcenderá a condição não apenas humana, como também biológica ou ecológica para um patamar de evolução, tornando assim, nossa extinção enquanto espécie, no mínimo menos provável.

Não obstante a tudo que foi elucidado, convém ressaltarmos de que diante dos desafios surgidos durante todo o processo de desfragmentação em que o Ocidente está imerso e vive de maneira lancinante, reconhecido pelo que chamará Bauman (2009) de modernidade líquida, Lipovestky e Serroy (2011) de hipermodernidade, a mudança de atitude e pensamento é uma questão não apenas de adaptação, mas de sobrevivência. E as resistências são as mais diversas possíveis como dirá Mariotti (2010):

Em geral as pessoas só mudam de atitude quando submetidas a experiências traumáticas de grandes proporções. Entretanto, algumas modificações também podem ser deflagradas por insights poderosos. Para o surgimento de um insights é preciso receptividade, a adoção de uma postura de menor resistência ao novo, à diferença. Do contrário, nada acontecerá (MARIOTTI, 2010, p. 200).

Neste sentido asseveramos como possibilidade possível para superar esse bívio hodierno, que “o paradigma da complexidade oferece uma visão do ser humano indiviso, que participa da construção do conhecimento não só pelo uso da razão, mas de outras áreas intelectivas como as emoções, os sentimentos e as intuições” (VILARINHO; SILVA; RODRIGUES, 2018, p. 1698). Com isso, torna-se urgente que as estruturas do funcionamento educacional incluam o uso dos conceitos de inter, pluri e transdisciplinar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é uma esfera que preceitua responsabilidade, seja de caráter técnico, político ou social. Sendo assim, a formação docente precisa priorizar o compromisso e a competência do ensino aprendizagem, no sentido de levar para a sala de aula a atitude interdisciplinar, de forma que cada docente consiga trabalhar a disciplina em suas aulas, uma vez que ele é a ponte que interliga diversos mundos. Assim sendo, constata-se que a ação de ensinar ultrapassa inúmeros desafios, o que reivindica de seus profissionais um aperfeiçoamento contínuo.

Considerando esta realidade, o professor em formação, deve se munir de toda estrutura educacional possível e impossível para lidar com informações que envolvem temas educacionais, sociais, culturais, políticos e econômicos. Da mesma maneira, os que já se formaram, não podem cair no marasmo, precisam estar sucessivamente em busca de aprimoramento.

Mas, para que tudo isso seja possível, este mesmo cidadão, precisa ser corajoso, buscar fazer acontecer, ser desejoso de buscar o saber, mesmo com suas limitações, mas persegui-lo incessantemente. Esta seria uma das maneiras de se obter êxito quando pensamos num ensino aprendizagem interdisciplinar para cidadãos criativos e conscientes de sua relevância no mundo contemporâneo caracterizado pela crescente pluralidade social. Só assim, começaremos a reconstruir o sentido de educar.

Destarte, não se pode pensar a prática pedagógica descontextualizada, uma vez que tudo está na superfície e para além dela, tudo está na troca, tudo está no material, principalmente no material verbal. De modo que, as relações interativas são responsáveis pela aquisição de conhecimento e apropriação da materialidade dos processos aquisitivos no decorrer de seu percurso.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Sygmunt. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENCHIMOL-BARROS, Sílvia Helena. Culturas e interdisciplinaridade: uma experiência multimodal. In: BRAWERMAN-ALBINI, Andressa; MEDEIROS, Valéria da Silva.

Diversidade cultural e ensino da língua estrangeira. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

CHAUÍ, Marilene. A Universidade Pública Sob Nova Perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

DAMAS, Luis Antonio. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: o jeito de educar na

modernidade. In: SANTOS, Jocyléia Santana dos. **Competências interdisciplinares**. São Paulo: Xamã, 2009.

FERREIRA, Franchys Marizethe Nascimento Santana; HAMMES, Care Cristina; AMARAL, Kelly Cebelia das Chagas do. Interdisciplinaridade na formação de professores: rompendo paradigmas. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v. 1, n. 4, 2017. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/deaint/article/view/5173/4066>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

JANTSCH, A.; BIANCHETTI, L. (Org.). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEIS, Héctor Ricardo. Para uma reestruturação interdisciplinar das ciências sociais: a complexa tarefa de enfrentar os desafios da problemática ambiental sem cair no senso comum da sociedade civil. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, n. 8, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2001000800011>. Acesso em: 15 jan. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: respostas a uma sociedade desorientada. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MALUSÁ, Silvana. MELO, Geovana Ferreira. BERNARDINO JÚNIOR, Roberto. Seminário: da técnica de ensino à polinização de ideias. In: LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CASA NOVA, Sílvia Pereira de Castro. **Revolucionando a sala de aula**: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. São Paulo: Atlas, 2018.

MARIOTTI, Humberto. **Pensando diferente**: como lidar com a complexidade, a incerteza e a ilusão. São Paulo: Atlas, 2010.

MELLO, Alex Fiúza de; ALMEIDA FILHO, Naomar de; RIBEIRO, Renato Janine. **Por uma universidade socialmente relevante**. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cne_alexfiuza.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2019.

MELMAN, Charles. **L'homme sans gravité**. Paris: Denoël, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. **Revista Emancipação**, v. 10, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/1937/1880>>. Acesso em: 28. jan. 2019.

SANTOS, Souza Boaventura de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, out., p. 237-280, 2002. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/71_Sociologia%20das%20ausencias_RCCS63.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2019.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. Disponível em: <uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-473-31032016-215930.doc>.

Acesso em: 29 jan. 2019.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, jun. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000300024>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

VALLEJO-GOMEZ, Nelson. **Entrevista com Edgar Morin: educar para um novo humanismo**. 1998. Disponível em: <http://nelsonvallejogomez.org//public/Notas_La_Patria/Educar_para_un_nuevo_humanismo0001.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2019.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro Veiga; NAVES, Marisa Lomônaco de Paula. O processo de reestruturação curricular de cursos de graduação: a experiência da Universidade Federal de Uberlândia. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; NAVES, Marisa Lamônico de Paula (Orgs.). **Currículo e avaliação na educação superior**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2005.

VILARINHO, Daniel Cervantes Angulo; SILVA, Haleks Marques; RODRIGUES, Wallace. Pontos de metanóia para reformar o pensamento da educação na hipermodernidade. In: **XIII Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2018. v. 24. p. 1692-1701.